

### Resenha

#### **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**

(José Luiz Braga, São Paulo; Paulus: 2006)

William Robson CORDEIRO<sup>1</sup>

Emissão e recepção sugerem que os eixos tradicionais apontados pela Teoria da Comunicação são capazes de agregar uma gama de possibilidades e de atuação da mídia junto ao público. O pensamento do professor José Luiz Braga, no livro “A Sociedade Enfrenta Sua Mídia” é de que estes dois pontos não contemplam aspectos diretos de interação da audiência. Interação esta capaz de promover modificações no produto e nos meios de comunicação. Baseado tão somente no título de sua obra, se percebe que esta sociedade detém dispositivos que avaliam e criticam a mídia, e também instrumentos eficazes que interagem sobre a circulação do conteúdo simbólico.

A dicotomia emissão e recepção, a partir dos estudos da comunicação, historicamente observou a mídia como centro, capaz de promover modificações na sociedade. Esta, por sua vez, não manifestava-se ante à sua produção, assimilando todo o significado, consistindo num processo de dominação-dominado que lembra a Teoria da Agulha Hipodérmica ou mesmo a essência da Indústria Cultural, baseada numa manipulação inexorável das massas.

No âmbito da cultura, percebe-se que os nichos sociais e suas manifestações peculiares, tem recepcionado o conteúdo da mídia de diferentes modos. É a fundamentação mais evidente da Teoria das Mediações Culturais, quando o deslocamento dos estudos deixam os meios e seguem para as mediações, observando seu aspecto de formação sócio-antropológica. Braga propõe um modelo que reforça a importância da mediação, que ele denominou de “sistema de circulação interacional” ou como Paulo Vaz menciona no prefácio, a terceira via que seria o “sistema de resposta”.

---

<sup>1</sup> Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ou seja, a capacidade de audiência criticar, avaliar, julgar e resistir aos produtos midiáticos.

Há uma relação importante neste livro em relação a outros autores que observam a recepção sob um viés pouco, senão nunca antes analisado. Douglas Kellner, em *Cultura da Mídia* (2001) estimula o que ele adota como “Pedagogia Crítica da Mídia”<sup>2</sup>, um instrumento para dotar a sociedade de capacidade para enfrentar o discurso midiático e filtrar todo o seu conteúdo simbólico. Este aspecto é levantado ao modo em que Kellner vê a mídia como meio de dominação, que busca impor a ideologia das camadas mais poderosas ao injetar na sociedade uma cultura toda baseada nas produções midiáticas. Seja do ponto de vista político, ideológico ou de comportamento, a cultura da mídia quer formatar o pensamento de uma sociedade, embora esta mesma mídia seja capaz de oferecer ferramentas para que haja resistência da audiência a ela.

Tudo isso para mostrar o que está além do campo da emissão-recepção, o qual Braga propõe-se a apresentar. A terceira vertente desta lógica com a mídia surge como uma forma de enfrentar a invisibilidade dos processos sociais diante da mídia, para exemplificar como a audiência era percebida até então pelos estudos comunicacionais. Ou seja, como invisíveis ante um processo complexo de mediação. Um novo conceito que oferece um papel ativo à recepção de redimensionar, redirecionar e ressignificar os produtos da emissão.

Este terceiro sistema manifesta-se uma correlação com os demais sistemas. O “sistema de circulação interacional” ou “sistema de resposta”<sup>3</sup> é apresentado por Braga

---

<sup>2</sup> Durante todo o tempo, fazemos uma pedagogia crítica da mídia, cujas finalidades são: possibilitar que os leitores e cidadãos entendam a cultura e a sociedade em que vivem, dar-lhes o instrumental de crítica que os ajude a evitar a manipulação da mídia e a produzir sua própria identidade e resistência e inspirar a mídia a produzir outras formas diferentes de transformação cultural e social. A pedagogia crítica da mídia desenvolve conceitos e análises que capacitam os leitores a dissecar criticamente as produções da mídia e da cultura de consumo contemporâneas, ajudam-lhes a desenvendar significados e efeitos sobre a sua própria cultura e conferem-lhes, assim, sobre o seu ambiente cultural. (KELLNER, 2001, p.20)

<sup>3</sup> As proposições “circulam”, evidentemente trabalhadas, tensionadas, manipuladas, reinseridas nos contextos mais diversos. O jornal pode virar papel de embrulho e lixo, no dia seguinte, mas as informações e estímulos continuam a circular. O sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia (BRAGA, 2006, p.28)

como ciclo contínuo de uma mediação dinâmica que parte da mídia e que é retomada a ela, que manifesta-se com novas modificações no conteúdo e produtos subsequentemente apresentados. Então, este sistema de interações sobre a mídia é exercida como parte integrante do processo de produção e recepção e do sentido e resposta envolvidos entre eles. E como aponta, “sem a interação social-midiática (sobre a mídia e seus produtos), a circulação geral não se completa; teríamos, na verdade, uma incoerência de funcionamento cultural em sociedade na qual determinados processos se passariam sempre em uma única direção (o que é difícil de aceitar” (2006, p.33).

Este ciclo de relações sociais com a mídia, em que a emissão produz, a recepção consome e avalia, ao mesmo tempo, em que retroalimenta a mídia é a base principal dos estudos de Braga. Este sistema processual possibilita, além do fluxo tradicionalmente observado nos estudos da mídia, porém auxilia na compreensão da produção midiática em constante mudança, devido às intervenções críticas da sociedade. O foco do autor é exatamente este: a crítica social da mídia, a aprendizagem ofertada a partir destas intervenções, o controle social e a ação social com base no sistema de resposta.

Braga analisa trabalhos que coadunam com o sistema de interação social, que constituem uma reação à produção da mídia e não podem ser consideradas apenas como uma manifestação apontada como extramidiática. Mesmo as produções acadêmicas inserem-se na lógica do sistema de resposta de Braga, bem como as discussões de indivíduos em bares, ou as cartas encaminhadas pelos leitores aos ombudsmen dos jornais. São objetos que comprovam o dinamismo no processo de circulação de significados. Braga limita-se à selecionar críticas acadêmicas e especializadas.

Os objetos de análise dos estudos de Braga são a coluna de Bernardo Ajzenberg (ombudsman da *Folha de S. Paulo*), a coluna Conselho do Leitor, da *Zero Hora*, e o site Observatório da Imprensa. Estas escolhas enquadram-se na perspectiva da crítica especializada. Acerca de obras que abordam a mídia especialmente, sob diferentes vieses, estão os livros *A arte de fazer um jornal diário*, de Ricardo Noblat, *O jornalismo nos anos 90*, de Luís Nassif, e *A televisão levada a sério*, de Arlindo Machado.

Evidentemente, o autor trabalha com as ferramentas tradicionais e históricas de participação da audiência nos meios de comunicação, evidentemente, sujeita a edição e seleção das reclamações, críticas ou sugestões que podem ou não ser publicadas.

Os instrumentos atuais desta participação, voltados à internet, são mais explícitos e fogem ao controle dos meios tradicionais. “A Sociedade Enfrenta Sua Mídia” é atual por expor uma audiência que atua mais ativamente na crítica da mídia e não como mero passivo que rememora à Teoria da Bala Mágica ou à Escola de Frankfurt.

Estes objetos são exemplos de um conglomerado muito mais amplo de vozes e de instrumentos de crítica da mídia. Até mesmo as redes sociais na internet servem de parâmetro instantâneo para os veículos de comunicação se autoavaliarem e considerarem a reação da audiência diante de sua postura. O conceito proposto por Braga em seu livro é, de fato, extenso e importante, o que em seus exemplos já deixam bem evidentes.